



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

PRESIDENTE: ELY TERUEL

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 3 de outubro de 2025

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Apresentação musical

21396

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito boa noite a todos e todas. Que alegria compor, construir e presidir mais essa audiência pública com essa pauta que tem tomado todo o nosso país nesses dias. Vimos como a mobilização popular deu resultado desde o último protesto que conseguimos organizar, quando derrubamos a PEC da blindagem e colocamos em votação, com resultado unânime, portanto histórica, a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais.

É mesmo uma pauta histórica e fico muito feliz mesmo de estar, na Câmara Municipal, fazendo essa audiência pela Comissão de Saúde, Trabalho e Mulher, porque sabemos que a nossa cidade é um espelho para todo o país. Muito obrigada.

E, nesse momento, vou seguir a ordem protocolar da audiência pública pela Comissão. Pois é isso, não é gente, temos de seguir as normas da Casa. (Pausa) e, portanto, vamos abrir os trabalhos.

Na qualidade de membro e, nesse momento, Presidente da audiência pública da Comissão de Saúde, Promoção, Social, Trabalho e Mulher declaro abertos os trabalhos dessa que é a 9ª Audiência Pública semipresencial da comissão, do ano de 2025, nos termos do Requerimento 15/2025, de autoria desta Vereadora Amanda Paschoal, convocada para hoje, para discutir o tema Fim da Escala 6x1 Vida Além do Trabalho em São Paulo.

Informo que essa reunião está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br, em Auditórios *on-line*, *link* do auditório virtual, e no canal do YouTube da Câmara Municipal de São Paulo.

Para compor a Mesa, cuja dinâmica hoje será pela composição de 2 Mesas, por meio das quais dividiremos o trabalho em 2 blocos.

Antes, porém, gostaria de avisar o seguinte: hoje, às 22h, foi convocada uma sessão extraordinária dessa nossa comissão. A convocação foi feita pela Presidente Vereadora Ely Teruel por conta do que tem acontecido com a intoxicação de pessoas por meio do uso de metanol em bebidas. Por isso, essa audiência de agora tem de ser finalizada, digamos assim, religiosamente, às nove e meia, no máximo. Então, 21h30 será nosso término, mas muita água

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 2 DE 37

vai rolar até lá.

Nesse momento, chamarei meus convidados antes de fazer a minha fala de abertura.

(Pausa) Ao vivo é mais caro, gente, calma aí. Olha, ao vivo, é tudo. (Risos)

Antes de compor a Mesa, vou chamar, com muita honra, duas pessoas. Até vou ficar em pé. Todos sabemos que essa escala é completamente violenta e, por isso, tem de acabar. Aliás, é um clamor da classe trabalhadora e, mais: é um direito que vamos conseguir adquirir através das nossas articulações. Foi um movimento fundado através de uma pessoa que está presente, conosco, na Casa. É uma pessoa ilustre que fundou esse movimento e que junto com outra pessoa – também babadeira – e está igualmente presente, conseguiram levar essa pauta para Brasília. Então vou chamar, agora, essas duas pessoas ilustres: o Vereador Rick Azevedo e a Deputada Federal Erika Hilton. (Palmas)

(Pausa)

E, continuando a composição da Mesa, potentíssima, chamo a minha grande e maravilhosa colega de corrente de partido, cheia de axé, abarrotada de axé, ela mesma: Ediane Maria, Deputada Estadual. (Palmas)

(Pausa)

A segunda pessoa que vou chamar é a advogada trabalhista pioneira na criação de conteúdo jurídico de forma simples para a população. Ela que conta com mais de 5 milhões de seguidores nas redes sociais, sendo o maior perfil jurídico-trabalhista de influência, atualmente, entre os trabalhadores. Contribui ativamente com movimento Vida Além do Trabalho Dentro e Fora das Redes Sociais. Vem pra cá, Dra. Patrícia Shimano. (Palmas)

(Pausa)

Por último, mas não menos importante, vou chamar ele que é Locutor e Coordenador do VAT – SP – Vida Além do Trabalho, na cidade de São Paulo, movimento que luta pelo fim da escala 6x1 e por melhores condições de vida e dignidade para os trabalhadores, com foco no direito ao descanso e a qualidade de vida. Nando Martins vem que vem. (Palmas)

(Pausa)

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 3 DE 37

Na verdade, não era meu último convidado. Ainda tem mais uma pessoa querida, ela que é Economista, Mestre em Economia pela PUC São Paulo, Doutora em Ciência Econômica pela Unicamp, além de pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho Marilane de Oliveira Teixeira. (Palmas)

(Pausa)

Sabiam que, parando para pensar, a última vez que tivemos uma reforma, uma diminuição na jornada de trabalho foi há 40 anos, com a nossa Constituição de 1988.

São 40 anos que se passaram e nós sabemos que a classe trabalhadora mais oprimida, mais precarizada, é que tem carregado esse país nas costas. Eu já trabalhei como lojista, também já tive experiências no telemarketing, a gente sabe que não sobra tempo para nada, você tem que fazer todo um malabarismo, não tem tempo para cuidar da sua saúde, não tem tempo para resolver questões burocráticas, não tem tempo para descansar.

E essa pauta precisa avançar, graças a nossa articulação e à mobilização popular. Nós já provamos isso nas ruas nos últimos atos e seguiremos articulando aqui em São Paulo, em Brasília, em todas as cidades do nosso país, para garantir mais dignidade para nossa classe trabalhadora e acabar com essa escala. Graças às construções que nós fazemos a muitas mãos, com economistas, com ativistas, com os trabalhadores que estão na linha de frente da luta por mais direitos e dignidade.

Eu tenho certeza de que hoje vão sair daqui muitas contribuições positivas e que hoje vai ser um grande marco, mais um grande marco para além do que nós já temos feito para garantir o fim dessa escala tão nefasta na nossa cidade e no nosso país.

Agora, vou convidar para fazer uso da palavra a nossa maravilhosa Deputada Estadual Ediane Maria.

A SRA. EDIANE MARIA – Bom, gente, eu preciso correr, tenho mais uma agenda, é assim a vida do trabalhador. Quero saudar a Amanda por chamar essa audiência pública com um tema muito importante que é abolir, enterrar, apagar essa escala 6x1.

Nós vimos, eu que venho do trabalho doméstico e que falo com muita dor desse

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 4 DE 37

lugar, é um lugar que pessoas como eu continuam trabalhando em uma escala de uma vida inteira, de 15 dias, de um mês, de anos, dentro de uma casa de um patrão. O trabalho nosso não é numa empresa, o trabalho nosso é numa casa que não é a nossa casa.

Um país que esqueceu pessoas como eu, como a Erika, como a Amanda, como o Rick, esqueceu da gente, só que a gente não se esqueceu de nós mesmos. Então quero saudar o Rick Azevedo, que levou essa pauta para a internet, um lugar que as pessoas olham e falam, não é no sindicato, não é no movimento, mas você fez um movimento nas redes sociais. Então eu quero saudar tua ousadia, tua coragem de colocar tua dor, teu cansaço na rede social, e que hoje é um Vereador que foi um dos mais votados do Rio de Janeiro. Então, parabéns mais uma vez, a mobilização faz com que a gente avance.

E eu quero saudar a nossa rainha, a nossa diva, a nossa mãe, Erika Hilton. Sabe por que, meus amores?

– Manifestação do público.

A **SRA. EDIANE MARIA** – Podem gritar, podem aplaudir e bater o leque, fazer o que vocês quiserem. A política se faz com ousadia, porque vão olhar para nós na política e dizer que isso não vai dar em nada. Vão olhar para nossas movimentações na rua, vão dizer que isso não vai dar em nada, que é um problema seu. Eles colocaram que era um problema seu, somente seu. Não é o problema da sociedade como um todo.

Nós vimos nesses últimos dias, semana passada, para ser mais sincera, mais exata, essa grande mobilização contra a PEC da bandidagem, anistia para bandido. Imagina um Deputado, aqueles canalhas, que tem um monte ali no Congresso Nacional, assim como tem um monte na Assembleia, imagina alguém poder matar, estuprar, fazer o que quiser na sociedade e simplesmente os amigos, o pai, o padrinho dele, político, olhar e falar, vamos articular aqui dentro, você vai continuar ganhando o teu salário, você vai ganhar, você tem sua imunidade parlamentar e ninguém vai mexer em você. Era isso que eles queriam.

Quando eu falo de imunidade, gente, é garantir o fim da escala 6x1, é tirar. E por isso, Amanda, eu quero falar da importância de estar aqui hoje. A cidade de São Paulo, gente,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 5 DE 37

continua sendo a entrada do navio negreiro. Ele continua atravessando os estados, continua trazendo mulheres negras, meninas que vêm de outro estado, assim como eu vim, em 2002, para trabalhar em casas de família. Morar com famílias que a gente não conhece, você vai conhecer quando chega em São Paulo, a dura realidade. Mas a gente traz sonhos, a gente está podendo sonhar.

E por isso que essa audiência pública, Amanda, ela mostra para a gente, Erika, Rick, todos nós aqui, que a gente está podendo sonhar e nós precisamos tencionar o Congresso Nacional. Essa audiência de hoje é um pontapé para grandes mobilizações do país inteiro. Eu sei que eles nos enfiaram no telemarketing, eu sei que eles nos enfiaram num quarto de empregada, eu sei que eles nos enfiaram... Já vou concluir, meu amor, eu até parei, o meu choro estava aqui, já voltou.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Ela estava cuidando.

A SRA. EDIANE MARIA – É, está cuidando, eu tomo cuidado ali. Então, a gente hoje pode sonhar, a gente pode hoje olhar e dizer que o Congresso Nacional tem um papel fundamental. Nós vimos que eles são covardes, que eles têm medo, sabe do quê? Do povo na rua, nós já entendemos a mobilização, é nas redes, é na rua, é organizando dentro do Congresso Nacional, na Assembleia Legislativa e aqui na cidade de São Paulo.

Temos um Prefeito que não está nem aí para o trabalhador, mas nós estamos aqui com a Amanda, com o nosso campo político do PSOL, do PT, que com certeza vai sim se mobilizar, trazer os movimentos sociais. Eu quero saudar cada movimento, cada Partido, cada liderança que está aqui hoje, que ouviu o chamado, que entendeu que era importante estar aqui hoje.

Então eu só tenho que saudar vocês, dizer que a liberdade das trabalhadoras domésticas, de quem está no telemarketing, dessa sociedade, depende de nós. Então vamos juntos, essa luta é nossa. Simbora.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Ediane, meu amor, muito obrigada. Agora, eu vou falar o seguinte, gente, quem está com as inscrições, quem está com a lista? O

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 6 DE 37

fls 10

próprio Gustavo, as inscrições para intervenções de até um minuto e meio ao final dos blocos, é só se inscrever ali com o Gustavo.

E agora, como de costume, como de praxe, eu que chego a esta Casa para dar continuidade ao legado dela, nossa grandiosa, gigantesca, apoteônica Erika Hilton. Vou passar a palavra para ela, que vai me ajudar a conduzir os trabalhos simbolicamente, porque ela é abarrotada de axé e tem tocado essa pauta lá em Brasília com maestria.

A SRA. ERIKA HILTON – Boa noite, gente. Boa noite.

– Manifestação do público.

A SRA. ERIKA HILTON – Noite maravilhosa, na qual nós nos reunimos aqui para dar continuidade a um debate que não começa nesta noite, mas que já há um bom tempo vem sendo discutido no nosso país. Chegamos aqui em um momento bastante virtuoso, eu diria, para essa temática. Nós acabamos de aprovar essa semana, em Brasília, a isenção do Imposto de Renda para aqueles que recebem até 5 mil reais. E, na sequência disso, uma salva de palmas.

– Manifestação do público.

A SRA. ERIKA HILTON – Pode ter parecido algo fácil, porque foi uma votação nunca vista no Congresso, algo com unanimidade. Mas ela é fruto de muita articulação, pressão política, malabarismo, negociações, foram meses e meses do texto preso com o Relator até que, de fato, a sociedade tomou as ruas para pressionar e dizer que o Congresso precisava promover e pautar agendas positivas. E aí o Presidente Hugo Motta se viu desesperado, precisando dar uma resposta à sociedade brasileira e desengavetou a PEC, e desengavetou a proposta do Governo para a isenção do Imposto de Renda.

Eu, como não sou boba nem nada, na manhã seguinte à votação do texto, já estava enfiada dentro do Palácio do Planalto falando com os Ministros, me reuni com a Ministra Gleisi, me reuni com o Ministro Sidônio, já solicitei uma agenda com o Presidente, porque na minha concepção, nós estamos diante de um ciclo muito virtuoso. O trabalhador brasileiro, que ganha até 5 mil reais, com mais dinheiro sobrando na conta, ele precisa também de mais tempo de descanso para injetar esse dinheiro na economia, para usar esse dinheiro. Dar a isenção do

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 11

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 7 DE 37

Imposto de Renda e também a destruição da escala 6x1 é construir um *status quo* de dignidade, de cidadania, de direito, de qualidade de vida. De coisas que até então não eram sequer colocadas na mesa de discussão dos poderosos que tomam lugar no coração da política brasileira, que é Brasília.

Eu quero agradecer ao Rick Azevedo, e em seu nome, a todo o movimento VAT pela insistência para que nós abraçássemos essa pauta. Não foi fácil eu enxergar essa mobilização nas redes sociais, e olha que eu sou bem conectada, eu estou bem *on-line*, mas eu não tinha a dimensão do que era o debate sobre o fim da escala 6x1. Eu até já tinha visto uma coisa ou outra, um debate ou outro, sido marcada em um post ou outro, mas ainda não tinha me atentado a essa discussão.

E mesmo com vários outros parlamentares tentando pegar a pauta para si, o movimento na sua figura, insistiram para que fosse eu, uma mulher negra, travesti, com a origem que tenho a tocar esse debate dentro do Congresso Nacional. E com maestria toquei, conseguimos levantar as discussões que conseguimos e estamos avançando. Por óbvio, há muita resistência quando o debate é dignidade aos trabalhadores, sempre haverá resistência e nós estamos ainda muitos andares atrás e abaixo.

Você falava, Ediane, das condições das trabalhadoras domésticas. E essa semana, na verdade, na semana passada, eu fui Relatora de um projeto para alimentação, obrigatoriedade do ticket refeição para as trabalhadoras domésticas. Quer dizer, em 2025, nós ainda estamos discutindo e brigando que os patrões precisam garantir a alimentação das empregadas domésticas, que nós precisamos de uma lei que garanta que essas trabalhadoras tenham o direito ao ticket.

Em 2025, nós estamos precisando gritar que Sônia não é escrava, Sônia merece liberdade, Sônia livre. Nós estamos em um país em que uma mulher é reencontrada em situação análoga à escravidão, uma mulher surda, que não foi alfabetizada, que não consegue se comunicar, que não tem os dentes na boca. E ela é identificada, encontrada, retirada da casa de seus algozes, de seus escravocratas e, de repente, o Tribunal de Justiça do nosso país, o

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 8 DE 37

fls 12

sistema de Justiça brasileiro diz não, ele disse que ela era da família, e devolve essa mulher. E a Sônia volta para casa do desembargador e está lá até agora, enquanto nós estamos aqui, uma mulher negra foi devolvida pela Justiça que deveria protegê-la, para continuar trabalhando de maneira exploratória, indigna.

Hoje, vindo para cá, eu passei em uma iniciativa que tem aqui, chamada Base, o pessoal está todo aqui, que é uma iniciativa de ponto...

– Manifestação do público.

A SRA. ERIKA HILTON – O pessoal da Base está aqui, e que me tocou muito, porque quando eu era Vereadora, protocolei um projeto que tratava da obrigatoriedade de ponto de apoio aos trabalhadores informais. Era importante e obrigatório que a Prefeitura garantisse que houvesse um espaço para alimentação, para uso do banheiro, para carregar o celular, que é instrumento de trabalho. E ainda que não fosse, mas neste caso é um instrumento de trabalho desses profissionais e até agora nada. O projeto foi apresentado, inúmeras coisas aconteceram e até agora não há nenhum ponto de apoio oficial para esses trabalhadores, que são invisíveis aos olhos da população.

E aí hoje, vindo para cá, passei nessa iniciativa que quero saudar, que é uma iniciativa pensada pela sociedade civil para não só entregar alimentação junto à cozinha solidária para a população em situação de rua, mas para também dar um lugar de acolhimento e dignidade ao trabalhador que passa horas e horas em cima de uma moto sem ter onde esquentar a sua marmita, sem ter onde descansar o seu corpo, sem ter sequer onde fazer um xixi.

Eu estou fazendo esse preâmbulo necessário, porque não é apenas um preâmbulo, é um preâmbulo necessário para que nós, a partir do debate que nos traz aqui essa noite, entendamos o lugar aonde nós estamos quando nós falamos de mundo do trabalho e da dignidade do trabalhador brasileiro. Eu dizia para o pessoal lá na Base, a nossa proposta em Brasília, a PEC pelo fim da escala 6x1, não abraça os trabalhadores que estão na informalidade, ela trata dos trabalhadores na formalidade. Mas nós temos a compreensão de que, ao avançarmos nas pautas dos trabalhadores formais, todo o sistema de trabalho precisará se

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 9 DE 37

repensar. Os trabalhadores que estão na informalidade poderão sair da informalidade para ir para a formalidade, porque será necessária a construção de mais postos de trabalho para a manutenção dessa escala.

E aí, voltando ao parêntese que eu fazia, a Ministra se comprometeu conosco. Acho que vocês já devem ter observado, desde o momento em que essa discussão começou, o quanto ela já está mais na pauta do governo, o quanto nós conseguimos colocá-la dentro da boca do Presidente Lula, para que falasse em seu pronunciamento, para que as peças do Governo citassem a escala 6x1. E a nossa articulação não para.

Por óbvio que a conjuntura política se impõe. A gente tem que falar da PEC da bandidagem, do projeto de devastação, da PEC da Anistia. É um monte de coisa que não dá para manter a peteca lá em cima 24 horas, porque a política não permite, mas em nenhum minuto nós deixamos de trabalhar nos bastidores com o Presidente Hugo Motta, com o Presidente da CCJ, com os Ministérios do Palácio do Planalto, para que essa pauta não fosse empurrada para debaixo do tapete, como querem os setores patronais. Destruir a escala 6x1 não vai destruir o Brasil e não vai destruir a economia, como abolir a escravidão também não destruiu.

– Manifestação do público.

A SRA. ERIKA HILTON – O 13º salário não destruiu a economia, as férias remuneradas não destruíram a economia, a licença maternidade não destruiu a economia, a libertação dos escravizados também não destruiu a economia. E em todas estas situações as elites dominantes brasileiras disseram, se nós abolirmos a escravidão, o Brasil vai parar e a economia vai ser destruída, se nós dermos um 13º salário, a economia não para de pé.

Não se trata de economia, eles não estão preocupados com a economia, até porque os números exorbitantes da nossa economia não saem da mão do trabalhador. O que se gasta com a mão de obra de um trabalhador hoje é um valor muito ínfimo. Os valores exorbitantes que as empresas recebem vem de outros lugares. Abolir a escala 6x1 não é uma preocupação com a economia, é uma preocupação com a dignidade. Sabe por quê? Porque um trabalhador descansado, um trabalhador vivendo a cidade, ocupando os espaços de cultura, bem

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 10 DE 37

remunerado, é um trabalhador que consegue se capacitar e não vai mais aceitar qualquer trabalho para não faltar comida em cima da mesa. É um trabalhador que sonha, é um trabalhador que tem esperança, é um trabalhador que se enxerga em lugares de poder. É um trabalhador que não se vende por uma cesta básica, por um saco de cimento, por um churrasco no meio das eleições.

É por isso que eles não querem acabar com a escala 6x1, porque eles querem continuar aprisionando a classe trabalhadora nas camadas mais baixas para continuarem a se beneficiar dos privilégios e da precarização da vida do conjunto de trabalhadores e trabalhadoras. Só que eu preciso dizer, eles já perderam, porque o nosso movimento é revolucionário, enorme, gigante, ganhou o Brasil, ganhou a política, ganhou o coração nas redes sociais. E nós vamos destruir a escala 6x1, porque essa é a nossa missão de vida, esse é o nosso propósito, esta é a nossa prioridade para trazer dignidade ao conjunto de trabalhadores e trabalhadoras, numa pauta que os trabalhadores estavam completamente abandonados e esquecidos.

E foi preciso uma travesti, uma bi**, a preta se organizar nas bases baseadas por sua dor para dizer não, meus amores, aquilo que vocês nomearam como identitários não apenas falam sobre questões de identidade. Os identitários constroem um projeto de nação. Os identitários têm um projeto de política para esse país, porque já nos ensinou Angela Davis, quando os identitários, e ali ela falava de uma mulher negra, se movimenta, as estruturas se movimentam junto com ela. A cada passo que nós, dos andares mais baixos dessa pirâmide, nos movimentamos, nós vamos ruindo os andares de cima.

E este é o nosso propósito, este é o nosso compromisso. Que tenhamos uma excelente discussão, uma ótima audiência pública e que ela sirva para nos fortalecer ainda mais. Nós estamos fortes, nós estamos vivos, nós estamos de pé. Nós lutamos por nós, por Sônia, por todos aqueles e aquelas que trabalham de maneiras invisibilizadas, precárias e esgotadas. E fazemos jus e honramos o nome deste movimento, Vida Além do Trabalho. O trabalho não é o fim, o trabalho é o meio e precisa ser o meio para a conquista de sonhos, lugares e oportunidades. Viva a classe trabalhadora. Viva o movimento VAT, viva a luta organizada.

E bora, bora, bora, bora.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Muito obrigada, Erika. O trabalho que você tem feito em Brasília é realmente sensacional e muito fundamental para que a gente consiga transformar essa que é uma realidade tão dura. E nós sabemos que os trabalhos mais mal remunerados, os trabalhos mais precarizados são os mais inseridos dentro da escala 6x1. E é por isso também que nós estamos nos articulando hoje para dar mais esse passo na construção desse que é um sonho, mas se tornará uma realidade graças a nossa articulação, nossa mobilização popular e o apoio de parlamentares comprometidos com a transformação social, que é o que a gente acredita, que é o que a gente faz dentro do parlamento, com os cargos que a gente ocupa.

Agora, eu vou passar para ela, a Dra. Shimano, nossa advogada trabalhista.

Dois recados, gente. Primeiro é que a Ediane tem outra agenda e vai ter que sair. Quero agradecer pela sua presença, pela sua luta, e vamos seguir construindo aqui, na Alesp, no país todo. E outro recado, antes de passar a palavra à Dra. Shimano, é que as inscrições estão encerradas e, por conta daquele recadinho chato que eu dei no começo, talvez não dê tempo para todo mundo que se inscreveu falar; mas vamos lutar para que isso aconteça.

Tem a palavra, Dra. Shimano.

A SRA. PATRÍCIA SHIMANO – Obrigada, meus amores. Ai, gente, eu não tenho o poder da oratória como a diva Erika tem, gente; essa mulher é muito maravilhosa, eu sei. Mas eu gostaria de começar agradecendo a todos vocês que estão presentes, essa plateia maravilhosa, os trabalhadores que estão nos ouvindo nesta sexta-feira. Eu sei que muitas pessoas estão aqui cansadas, que foi um dia exaustivo de trabalho, não é mesmo?

Eu quero começar fazendo uma pergunta para vocês: O que é mais importante? A vida e a saúde de milhares de trabalhadores, ou a saúde financeira das empresas? Eu faço essa pergunta porque, quando eu falo sobre o fim da escala 6x1 nas minhas redes sociais, eu recebo muitas críticas sobre o temor do fim da escala 6x1 de pessoas que me questionam sobre quais os impactos que o fim da escala 6x1 pode causar na economia, e eu fico me questionando sobre

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 16

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 12 DE 37

isso.

Hoje nós temos aqui a ilustre presença da Professora Marilane e eu peço licença para fazer uma pequena reflexão sobre esse assunto, porque – a meu ver – o fim da escala 6x1 se sobrepõe a qualquer estudo econômico e qualquer impacto econômico que isso possa causar na economia. Não estamos tratando de números, porque os trabalhadores não são números, nós estamos tratando de vidas de milhares de trabalhadores que estão exaustos, cansados, esgotados. Não é um, nem dois, nem três, eu recebo muitos relatos, todos os dias.

Essa semana mesmo eu recebi um e não pude deixar de reagir: foi o vídeo de um trabalhador, o Pedro. Ele estava com um olhar tão perdido e ele falou assim para mim: “Em 12 anos, na escala 6x1, pela primeira vez, eu descansei, eu não fiz nada, eu não fiz os meus afazeres domésticos, eu simplesmente descansei naquele um único dia de descanso que eu tive. Só que hoje, no meu dia de trabalho, eu me sinto culpado, porque eu não fiz o que eu tinha que fazer naquele dia de descanso”.

Imagina você no seu único dia de descanso, ter que fazer todos os seus afazeres domésticos e não poder descansar. Essa é a rotina, dia após dia, de quem trabalha na escala 6x1, e é contra isso que nós lutamos.

Eu lembro que a minha mãe trabalhava na escala 6x1, e a única lembrança que eu tenho dela é no único dia em que eu limpava a casa junto com ela. Infelizmente hoje eu já não tenho mais a minha mãe aqui comigo, ela se foi, e eu não quero que essa história se repita para a posteridade.

O fim da escala 6x1 não é só uma questão de saúde pública, porque as pessoas estão adoecendo, é uma questão humanitária. De 2023 a 2024, foram mais de 38% de aumento de afastamentos de trabalhadores pelo INSS. Só em 2024, foram mais de 470.000 afastamentos.

Se nós não começarmos a pensar nos trabalhadores, se nós não começarmos a olhar para esses trabalhadores que estão adoecendo hoje, nós não vamos mais precisar pensar na economia, nós todos vamos colapsar. Não vão mais existir trabalhadores para produzir, não vão mais existir trabalhadores sequer para consumir. Nós precisamos pensar em novas formas

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 13 DE 37

de trabalho, na redução da jornada, em novas formas de equilibrar o trabalho e a qualidade de vida desses trabalhadores.

Muito obrigada a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Dra. Shimano, pelo seu depoimento e a sua contribuição. Eu não estava aqui, porque eu estava atendendo lá em cima, mas eu acho que a Vereadora Amanda já deu o recado dos horários, que tem outra atividade convocada pela Comissão. Então, é muito importante que a gente consiga se atentar àqueles indicadores que estão sendo mostrados ali na frente para que as pessoas consigam falar. Talvez não vai dar tempo de todo mundo falar, como a Vereadora Amanda já havia comunicado, mas só para a gente tentar ao máximo garantir o nosso tempo aqui.

Convido então para fazer uso da palavra a Marilane Oliveira, que já foi apresentada, Economista, Mestre em Economia pela PUC, Doutora em Ciências Econômicas. É muito importante tê-la aqui, brevemente dizendo, porque às vezes as pessoas imaginam que nós estamos fazendo o debate sobre o fim da escala 6x1 descolado da economia, sem olhar para os números, sem olhar para a economia, sem olhar para os impactos que a PEC promove; e isso não é uma verdade.

Nós temos estudos, nós temos economistas, nós nos debruçamos sobre o tema, e ter a senhora aqui com a gente nos alegra, engrandece a nossa discussão e mostra que nós não estamos fazendo um debate histórico e nem mesmo um debate desconectado com a realidade dos números. Os números são importantes, a economia de um país é fundamental para o seu desenvolvimento, para garantia de uma série de questões. Então, a senhora vem aqui só para consagrar esse nosso lugar e mostrar que estamos fazendo o debate lincados, preocupados e pensando na economia também.

A SRA. DRA. MARILANE OLIVEIRA TEIXEIRA – Exatamente. Primeiramente, muito obrigada, Vereadora Erika, pelo convite. Vereadora Amanda, é uma alegria muito grande estar aqui com vocês. Um cumprimento especial a toda a Mesa, em especial, a Vereadora Erika e o Vereador Rick, pela ousadia em colocar uma centralidade ao tema da jornada de trabalho da

forma como vocês colocaram. Vocês estão de parabéns.

Eu acompanho o tema há muitas décadas, eu escrevi muito sobre isso e, pela primeira vez, o tema da jornada de trabalho entrou efetivamente na agenda da sociedade brasileira e foi pelas mãos de vocês. Então, vocês dois têm todos os méritos pelo compromisso, pela qualidade do debate, pela seriedade, pela ousadia e pela coragem de enfrentar esse debate nacional. E queria cumprimentar a todas, todos e todes que estão aqui presentes e também aquelas que estão nos assistindo.

De fato, a Vereadora Erika levantou uma questão que é central: o tema econômico. Evidentemente que o debate sobre a reação da jornada de trabalho está profundamente conectado ao debate econômico, não tem nenhum descolamento e também não tem nenhuma irresponsabilidade em propor uma redução da jornada de trabalho para 36 horas de uma escala 6x1 desconectada da realidade brasileira.

Se nós considerarmos que a luta pela redução da jornada de trabalho tem pelo menos três séculos, já que desde a formação da classe operária se luta pela redução da jornada de trabalho, que era, no século 18 em torno de 16 a 20 horas semanais.

No Brasil, em toda a formação da classe trabalhadora, sempre uma das reivindicações centrais foi a redução da jornada de trabalho. Quando nós chegamos na década de 80, numa jornada de 44 horas semanais, nós já lutávamos no dia seguinte pelas 40 horas semanais. Ou seja, os ganhos de produtividade, os avanços tecnológicos, a intensificação do trabalho que se observa nesses últimos 40, 50 anos, já nos dá condições objetivas, do ponto de vista econômico, de trabalhar com uma jornada de trabalho de 30, 36 horas, em alguns casos, como são as experiências em vários países do mundo e mesmo no Brasil, em algumas experiências, em alguns setores econômicos, que já trabalham 33, 36 horas semanais.

Então, não é um debate econômico, porque é falso dizer que existem imperativos econômicos que impedem reduzir a jornada de trabalho. Estudos feitos recentemente e divulgados amplamente pelos setores empresariais dizendo que a redução da jornada de trabalho teria um impacto de queda de 7% do PIB são absolutamente equivocados, parte de

premissas absolutamente erradas, consideram que numa jornada 4x3 as pessoas trabalhariam quatro dias e o mundo todo, o Brasil inteiro, descansaria três dias dentro de casa e que, portanto, não haveria produção nenhuma, as pessoas não iriam consumir, as pessoas não iriam fazer recreação, as pessoas não iriam desfrutar de lazer. Isso é uma premissa absolutamente equivocada.

Nós fizemos um estudo no Cesit mostrando que a redução da jornada para 36 horas semanais pode gerar o impacto no ganho de produtividade em torno de 3% e, inclusive, a possibilidade de ampliação do emprego em mais de 4 milhões, usando as mesmas metodologias dos setores empregadores. Ou seja, no Brasil, sempre que se impõe uma agenda do trabalho, seja a questão de salário mínimo, seja o tema da redução da jornada de trabalho, seja a isenção do Imposto de Renda, os setores econômicos sempre se mobilizaram contra essa agenda. Isso é histórico, nós já sabemos disso, porque nós estamos falando de luta de classes e eu acho que essa é a questão mais importante que temos que destacar.

Nós estamos falando de distribuição do tempo. O capitalismo, historicamente, sempre quis se apropriar do tempo da classe trabalhadora. Ou seja, se apropriar do tempo do lazer, do tempo de descanso, do tempo dedicado à cultura, ao estudo. Então, é uma disputa de classe, e não um debate de ganhos de produtividade, ou de perda de riqueza, ou a possibilidade de que as empresas possam sucumbir a uma jornada menor e vão pedir falência, porque isso não está posto.

Esses setores, inclusive econômicos, que mais questionam a questão da jornada de trabalho são justamente os setores que não têm disputa com produtos importados e que, portanto, não sofrem da competitividade.

Então, eu queria deixar esse recado, agradecer mais uma vez pela oportunidade de dizer a todos vocês, todas vocês e todos vocês, que nós estamos absolutamente empenhados, do ponto de vista acadêmico, na discussão da redução de jornada de trabalho. E contem com o nosso apoio em todos os momentos.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Muito obrigada, Sra. Marilane. É fundamental escutar a sua perspectiva como uma economista, porque nós sabemos, como você bem colocou na sua fala, que a grande maioria dos economistas ou até mesmo quem nem é economista e só inventa que vai quebrar a economia é o que a extrema-direita tem feito desde sempre para justificar apenas a manutenção das estruturas de poder que têm se perpetuado ao longo de tantos anos.

É isso que nós temos quebrado, estamos quebrando agora e vamos conseguir quebrar e consolidar com o fim dessa escala.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Eu quero registrar a presença de algumas pessoas que estou vendo daqui, como a nobre Deputada Federal Juliana Cardoso, minha companheira em Brasília, a deputada Juliana Cardoso. Obrigada pela presença.

Quero registrar também a presença da nobre Vereadora e eterna Professora Fernanda Castelano, do nosso partido, em São Carlos. Quero registrar também a presença da nobre Vereadora Thabatta Pimenta, de Natal; a presença do nobre Vereador Edmilson Souza, de Guarulhos; e da nobre Vereadora Poliana Quirino, de Barra Bonita. Obrigada pela presença, estamos juntos. (Palmas)

– Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Obrigada pela presença. Agora eu vou passar a palavra ao Sr. Nando Martins, do VAT – SP.

O SR. NANDO MARTINS – Boa noite. Começo o meu discurso cumprimentando os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

Nós somos os donos deste país. Este país não está na mão dos poderosos. Nós, trabalhadores, somos aqueles que construímos, que levantamos cedo. Este país não funciona sem nós. E eu quero deixar uma salva de palmas para os trabalhadores agora. (Palmas)

A 6x1 vai acabar! Trabalhador não tem medo de lutar! Para esquentar, não é? Enfim, meu nome é Nando Martins, sou Coordenador Estadual do movimento VAT, locutor, sofri na pele as dores da escala 6x1. Por muito tempo, eu estive privado de aproveitar a vida com os meus

amigos, com a minha família, de desfrutar da minha fé, de me aproximar dos meus estudos, de me aprofundar nos meus estudos. Eu vi pessoas que eu amo, e vejo até hoje, sofrerem nessa escala. Uma das pessoas seria a minha mãe, dona Rosana, que completaria 61 anos no dia 10 de outubro. Ela trabalhou por mais de 30 anos na escala 6x1 e faleceu ano passado, vítima de um câncer.

A nossa luta é sobre legado. Eu não estou aqui só lutando por aqueles que estão na escala 6x1, mas por aqueles que não podem mais lutar pela escala 6x1, porque não estão mais entre nós. A luta dos meninos, dos sem direitos, é por aqueles que faleceram no trânsito, fazendo uma entrega, fazendo algum frete. Nós estamos aqui honrando legados daqueles que não podem mais estar entre nós.

Não podemos nos calar. Nós somos donos deste país, e isso ficou muito claro no domingo, isso ficou muito claro na quarta-feira: Os Deputados tiveram que ceder.

E eu quero aproveitar esse espaço, porque nossa luta também é sobre representatividade. Eu quero trazer alguns relatos de alguns trabalhadores que estão acompanhando ao vivo, do VAT São Paulo, com os quais nós conversamos durante a semana por conta justamente da escala 6x1, mas que não puderam estar aqui.

“Sou funcionária de uma grande rede de *pet shop* de São Paulo. Eu trabalho 6X1 dias por semana, das 14h às 22h, e folgo somente às quartas-feiras. Minha rotina é dar banho e tosa em animais. Passo a maior parte do meu dia em pé. Moro longe do meu trabalho e não tenho tempo de fazer quase nada, sinto-me esgotada. Não vejo a hora do fim da escala 6x1”.

“Sou vendedora de uma rede de escolas de idiomas em Itaquera, zona Leste. Tenho 59 anos e estou na escala 6x1 há mais de 30 anos. Estou cansada. Não tenho tempo de cuidar da minha casa e nem de me cuidar direito. O recurso é pouco e, por muitas vezes, sou obrigada a almoçar miojo. O que me incomoda de estar nessa escala é a falta de tempo para comparecer em aniversários, festas de amigos, eventos da igreja e de não ter tempo de exposição para os meus estudos. Tenho o desejo de voltar a estudar Direito e iniciar um projeto de acolhimento para famílias de mulheres encarceradas. No entanto, a escala 6x1 me impede de seguir os meus

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 18 DE 37

fls 22

sonhos e tira a minha esperança e também a minha autoestima”.

Olha, gente, a escala 6x1 rouba a nossa vida, rouba nossa saúde, rouba também o nosso direito de nos aprofundarmos nas nossas religiões, na nossa espiritualidade. Como um homem religioso, eu creio que Deus, todos os anjos e entidades estão ouvindo o clamor dos trabalhadores; eu creio que o choro, as lágrimas e o suor daqueles que constroem o nosso país estão chegando aos céus... E há de vir justiça e alegria para o nosso povo.

Muito obrigado a todos.

Viva o VAT! Viva a classe trabalhadora!

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Faça barulho, família.

– Manifestação do público.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Quanta gente linda. Que Mesa maravilhosa. É um prazer imenso, não apenas para mim, mas acredito que para todas as pessoas que estão aqui, escutar cada um de vocês hoje.

E como estamos numa noite muito importante de debate sobre os trabalhadores, as trabalhadoras, todas as pessoas do nosso país, nós precisamos trazer a arte e a cultura, que eu sei que a mãezinha gosta muito de um *slam*, de um barulhinho, de uma gracinha.

Eu gostaria que vocês recebessem com muito, mas muito calor, o Slam da Guilhermina.

– Apresentação musical do Slam da Guilhermina.

A SRA. ERIKA HILTON – Gratidão pelas palavras.

Dá para próxima vez que alguém falar para mim que eu falo rápido, eu vou mandar ver o seu vídeo com você cantando, fazendo *slam*.

Antes de compormos a nossa segunda e última Mesa, eu quero pedir para que todos se levantem, venham ao centro, para que façamos uma foto belíssima, lindíssima, com todo mundo.

Venha, pessoal, para o meio. Depois vocês voltam para o friozinho de vocês – que eu sei que na lateral está frio.

Venham para cá. Ocupem o corredor. Vamos fazer uma foto belíssima.

Como vocês são maravilhosos: eu iria pedir para que levantassem as plaquinhas, e vocês já estão de plaquinhas levantadas.

– Manifestação do público.

– Registro fotográfico.

A SRA. ERIKA HILTON – Vamos retornar aos nossos lugares. Obrigada, pessoal.

Todo mundo já se sentou. A turma do friozinho já voltou para o friozinho, para o geladinho. E agora nós vamos compor o nosso segundo bloco de participação, muito importante.

Eu chamo um e a Amandinha chama outro?

Nós vamos chamar agora, para compor a nossa segunda Mesa, a liderança do movimento de *motoboys* de São Paulo, Comando Nacional do Breque, e militante do Movimento Trabalhadores Sem Direitos, além de ativista do movimento Hip Hop de São Paulo, JR Freitas, que trouxe a caravana.

A caravana do JR tá *on*?

– Manifestação do público.

A SRA. ERIKA HILTON – Olhem aí, a caravana do JR é a Base.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – E agora vamos chamar ela, que é ativista social brasileira nascida em Tucano, na Bahia, residente em São Paulo desde os 14 anos.

Ingressou no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST – em 2015, onde começou a lutar por moradia e, posteriormente, por justiça social e igualdade. Perdeu um filho para a violência do estado em 2017, e entrou para o Movimento de Mães em Luto da Zona Leste, luta coletiva por justiça.

Em 2019, após a reforma trabalhista, ficou desempregada e viu a necessidade de organizar os trabalhadores ambulantes, os trabalhadores informais, junto com alguns companheiros e algumas organizações, e assim fundaram o Movimento dos Trabalhadores sem Direitos, da qual faz parte como coordenadora nacional.

Sua luta é por teto, trabalho, pão e justiça.

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 20 DE 37

Venha para cá, Gilvânia Gonçalves.

– Grito de guerra.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Para compor a Mesa conosco, convido um integrante da Coordenação Nacional do Plebiscito Popular 2025, que reúne movimentos, partidos, sindicatos e entidades da sociedade. É militante do MST e coordena as iniciativas de trabalho urbano do movimento; e foi coordenador da Secretaria Executiva da campanha Lula Livre. É jornalista.

Venha para cá, Igor Felipe.

Vamos passar a palavra ao JR Freitas.

Vá lá, JR, é com você.

O SR. JR FREITAS – Salve, salve! Muito boa noite a todos.

Eu quero agradecer o importante convite à Mesa, nas pessoas da Erika Hilton e da Amanda.

Para quem não me conhece, eu sou o JR Freitas, uma das lideranças, entre várias, dos entregadores de aplicativo; coordenador dos Trabalhadores sem Direitos.

Eu quero também agradecer ao pessoal que veio comigo e que compõem a Base comigo. Aliás, nós somos a Base. Estamos juntos.

Eu vou explicar para vocês mais ou menos o que significa a Base.

A Base é o primeiro ponto de apoio feito por trabalhadores, junto com os Trabalhadores sem Direitos. O que o Prefeito não fez, nós fazemos, porque somos nós por nós. E é assim que nós vamos derrubar a opressão do sistema: trabalhando junto em todas as lutas.

Eu recebi uma pergunta sobre a escala 6x1.

Na nossa profissão, todo mundo sabe que nós prestamos serviço para aplicativo.

Vejam bem uma coisa que temos que entender: nós sabemos que as leis trabalhistas, depois da reforma do Michel Temer, realmente ficaram muito defasadas. E eu fico muito preocupado, porque isso afasta o trabalhador, joga o trabalhador para a precariedade, que é o que acontece hoje com os entregadores de aplicativo.

Quando eu vi a luta pelo fim da escala 6x1, eu tive esperança, porque é isso que precisamos fazer: lutar para melhorar as condições de trabalho do trabalhador, fazer com que a CLT volte a ser atrativa novamente para o trabalhador. E entendermos que precisamos encampar esta luta.

Sobre os entregadores de aplicativo, nós temos sido massacrados, porque trabalhamos 7x0. É isso que aconteceu. Nós fomos jogados na precariedade. E hoje estamos lutando.

Eu quero cumprimentar todas as lideranças que estão hoje comigo e que ajudaram a construir, este ano, o Breque dos Entregadores de Aplicativos, que é a resposta que nós temos que dar.

Temos que ser inspiração, porque temos que sair para a rua, temos que voltar para a rua. O movimento pelo fim da escala 6x1 tem que voltar para a rua em massa.

Nós tivemos uma vitória importante, e não podemos recuar um centímetro, porque quem está no poder, pelo menos em São Paulo, sabemos, é fascista. Eles só pensam neles próprios. Nós temos que parar, ir para a rua e lutar contra o fascismo a qualquer custo.

Os bolsonaristas não morreram, eles estão vivos. E nós precisamos matá-los, no bom sentido, porque eles agora estão todos dodóis – você fala e, depois, eles vão denunciá-lo.

O recado que eu deixo para vocês é para que espelhem no que aconteceu este ano. A categoria dos entregadores de aplicativos é muito difícil de se organizar, mas nós conseguimos. Isso é um bom sinal. Logo após, nós conseguimos derrubar a PEC da Bandidagem. E conseguimos fazer a votação da isenção do Imposto de Renda. Isso é fruto da luta. Então temos que nos organizar, ir para cima do sistema, sem recuar um centímetro. E vamos passar por cima de quem ficar na frente porque quem manda é o povo.

Somos contra a opressão. Somos contra o sistema que atrasa o trabalhador. Somos pelo fim da escala 6x1. Somos contra a precarização de todas as empresas de aplicativos, que estão matando os jovens nas ruas, todos os filhos de muita gente que está aqui hoje que trabalham nessa escravidão que existe hoje. Porque o que as empresas de aplicativo vêm

fazendo e, muitas vezes, também o Poder Público fecha os olhos para o que está acontecendo, porque a vida que está morrendo é a vida do preto, do pobre, do favelado, e, para eles, não tem valor, mas nós somos a maioria, e é na luta que a gente vai mostrar que quem manda e quem é dono deste país somos nós, não são eles. Então, a gente vai para a rua e contem com a gente.

Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, JR. Obrigada JR pela sua contribuição, pela luta, pela voz que se levanta numa categoria tão esquecida, abandonada, precarizada, sucateada e que é tão importante para nós, para levar comida, levar um remédio, levar tantos itens na casa da gente, muitas vezes, como vocês me relatavam na visita que eu fazia agora há pouco, o trabalhador carregando comida nas costas, sem poder se alimentar, sem ter com o quê, sem ter como se alimentar.

Por isso é tão importante que nós nos organizemos e nos juntemos a todos os conjuntos de trabalhadores, a todos aqueles que estão precarizados, para irmos buscar e lutar por dignidade. Quero aproveitar a deixa da sua fala, JR, porque você falou de mobilização, você falou da necessidade de tomar as ruas, você falou da necessidade de se organizar para pautar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas.

Nós só tivemos essa vitória, volto a dizer, por conta da força das ruas, da mobilização popular. Por isso eu quero convidar a todo mundo que está aqui que ainda não entrou nas nossas redes de mobilização. Lá no nosso credenciamento tinha um *QR Code* para as pessoas acessarem os grupos de WhatsApp pela mobilização da 6X1.

Nesta semana, nós vamos encaminhar nesses grupos ações, notícias dos andamentos da PEC em Brasília, das reuniões que nós teremos com as lideranças e, também, nos organizar para pensarmos as grandes mobilizações que é preciso fazer para pressionar o Congresso Nacional para que paute essa matéria.

Essa matéria precisa sair da mesa do Hugo Motta e para a Comissão de Constituição e Justiça, onde o próprio Presidente da Comissão já me disse: “Deputada, o texto chegando aqui nós iremos pautar”. (Palmas)

Eu disse, hoje, a uma jornalista – fui procurada por muitos jornalistas por conta da minha conversa com a Ministra Gleisi e com o Ministro Sidônio ontem – uma coisa que é muito importante “na política, algo é sagrado, que se chama acordo”. Acordo é uma coisa que é sagrada na política. Há acordo para que essa matéria seja votada na Comissão de Constituição e Justiça. O que precisa é pressionar para que o Presidente Hugo Motta solte a matéria, mande o texto para lá.

Então, se vocês ainda não acessaram os nossos grupos, tem *QR Code*, passando por aí, tem *QR Code* lá no credenciamento. Vamos nos mobilizar, vamos nos organizar, vamos seguir tomando as ruas, as redes, pressionando o Parlamento. Essa proposta precisa tramitar, e essa escala precisa ser destruída.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Obrigada, Erika, obrigada JR.

Estamos acompanhando essa luta já desde o princípio, inclusive, a primeira audiência pública que eu fiz aqui na Câmara Municipal.

– Manifestação fora do microfone.

O SR. RICK AZEVEDO – Boa noite, São Paulo. Boa noite, classe trabalhadora.

Obviamente que não seria o evento para a gente tratar desse assunto, mas antes de começar a minha fala a qual me trouxe aqui...

– Manifestação fora do microfone.

O SR. RICK AZEVEDO – Diante do acontecido, eu não posso não falar sobre, eu não posso fazer de conta que não aconteceu. Isso aqui faz parte de uma estratégia. Isso faz parte de uma estratégia. Eu tenho a minha consciência. Eu sei que amanhã isso vai para alguns jornais, porque faz parte desse plano. Eu já tenho alguns materiais programados.

A pessoa que ela está dizendo que foi humilhada, eu a convidei para fazer parte da minha equipe no meu gabinete no Rio de Janeiro. Convidei, e ela aceitou por livre e espontânea vontade, cujo salário era de 9.380 reais. Eu tenho como provar. Não paguei salário-mínimo para a Sra. Priscila, que se encontra ali. Ela sabe que recebia 9.380 reais. Vou encerrar por aqui

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 28

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 24 DE 37

porque vim falar da nossa luta. Obviamente, a acusação é grave, porque vem de encontro, justamente, contra aquilo que eu estou pregando. Mas esse é o preço quando você dá a cara a tapa, e eu estou disposto a pagar. Quem falou aqui sobre mim não tem como provar. Agora, o que eu estou falando que uma funcionária que ganhava quase 10 mil reais do povo que trabalha na escala 6x1 e não queria trabalhar, eu tenho como provar. E deixo aqui para a imprensa, porque aqui tem pessoas e estou falando que Rick Azevedo vai provar. Não será agora, porque eu tenho esse material pronto. Eu tenho material pronto dessa menina sendo transfóbica com esta Vereadora. Tenho e estou falando em público porque eu tenho como provar. Então, encerremos esse assunto, e eu vou voltar para o que me trouxe aqui.

Gente, retornemos. Eu tenho quantos minutos? Vai me atualizando, por favor. Retornemos. É grave o que aconteceu aqui, mas a gente vai resolver de outra forma. Acessem as minhas redes sociais, que eu vou trazer explicações concretas contra essa calúnia que foi feita aqui agora.

Mas voltando, eu quero que o Armando e o Mateus se levantem, por favor.

Eu quero começar a minha fala em nome da classe trabalhadora. Eu queria uma salva de palmas para o Mateus e o Armando.

(Palmas)

O SR. RICK AZEVEDO – Que têm construído o movimento VAT em São Paulo, com muita luta, não recebem nenhum valor, fazem tudo de forma voluntária, com muita garra, assim como eu fiz lá atrás.

Então, queria agradecer demais. Se eu estou em São Paulo recebendo esse carinho, recebendo esse apoio, é graças a esses trabalhadores que estão aqui não deixando o movimento VAT morrer.

Muito obrigado, Mateus e Armando. (Palmas)

Sigamos.

Agradeço imensamente a Vereadora Amanda Paschoal por ter tido essa iniciativa e a minha Deputada Federal Erika Hilton com quem eu estou sempre na luta.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 29

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 25 DE 37

Não vou fugir nada do meu cronograma. Hoje, eu não vou falar de economia, dados e números porque já foram falados, mas eu queria falar de como esse movimento importante surgiu, queria resumir rapidamente e de como eu me sinto honrado de estar agora nesta audiência potente, com esta Mesa potente, com a nossa Presidenta, porque ela é a nossa Presidenta e acabou, com a nossa Vereadora Amanda Paschoal. (Palmas)

Eu me sinto, de certa forma, vingado. Porque, até a um dia desses, eu era apenas um balconista de farmácia que, sim, ganhava salário-mínimo e nunca aceitou ser explorado calado.

O vídeo que eu fiz denunciando a escala 6x1 não foi a minha primeira reclamação. Eu sempre questioneei o modelo de trabalho do Brasil, mas em 13/09/2023 eu postei um vídeo de menos de 1 minuto e meio, denunciando a escala 6x1 que é uma escala escravocrata. Não podemos diminuir o tom. É uma escala escravocrata. É a continuidade da escravidão neste país. É a manutenção da escravidão nesse país, porque é só a gente olhar as caras e os corpos que estão nessa escala que vocês vão perceber que é uma espécie de continuidade da escravidão neste país.

Então, a partir desse vídeo em 13/09/2023, que se tornou viral no TikTok, que se tornou viral na internet inteira, eu me juntei a outros trabalhadores. Lembrem-se, não surgi de partido político, não surgi de movimento social, não surgi de organização. Eu surgi da base, eu surgi de um balcão de farmácia. Foi de lá que eu vim. É de lá que eu sou. Eu sei as dores de cada um que viveu e que vive essa escala. Não estou inventando. Não estou estudando as mazelas. Eu sou as mazelas. (Palmas)

Eu queria resumir porque hoje temos uma pessoa muito importante aqui que é a Dra. Patrícia Shimano que assim que o meu vídeo viralizou, ela reagiu ao meu vídeo., dizendo que infelizmente, a escala 6x1 estava na lei. Eu retornei para ela, reagindo, disse, “mas a problemática está aí, a gente quer mudar a lei, a gente quer mudar a conjuntura”. Rapidamente, a Shimano entendeu o meu recado. Ela me procurou no Instagram, e eu falei: “Dra. Shimano, depois de meia noite eu te respondo porque estou no balcão da farmácia”.

A gente tem essa conversa até hoje, porque depois eu retornei, falei: “Olha, eu estou falando com a Erika Hilton” – não estava falando com Erika Hilton. Eu estava procurando-a, ela não tinha respondido ainda – “e a gente vai mobilizar as bases, vai protocolar um projeto de lei, uma PEC, seja lá o que for. A gente precisa se movimentar, porque esse vídeo viralizou e a gente tem que aproveitar esse bonde andando, porque eu postei um vídeo dizendo é hora de meter o pé na porta, eu achando que esse vídeo iria ter no máximo 5 curtidas. De repente, o vídeo está ultrapassando 1 milhão de *views*, e as pessoas estão falando, sim, Henrique, vamos meter o pé na porta. Falei, gente, eu estava brincando, eu não sei nem como é que eu chego em Brasília.

Mas aí eu fui percebendo que não era só mais um vídeo viral, porque foi. Eu já tinha outros vídeos virais no TikTok falando de mamãe Beyoncé, mas não tinha um vídeo viral falando de pauta trabalhista. Falei: “aqui tem uma coisa”. Virei para a Dra. Shimano – eu não a conhecia, fizemos uma amizade. A partir desse momento, falei: “eu quero intensificar um movimento na internet. Eu vou abrir uma comunidade no WhatsApp e eu vou pedir para as pessoas entrarem para essa comunidade. A partir dali, a gente vai ver o que vai fazer, vai organizar a manifestação, vai organizar um ato”.

Em uma semana, os grupos de WhatsApp em todos os estados da Federação, estavam formados. Não foi um partido político, não foi uma organização, não foi ninguém orientando, foi o ódio da escala 6x1 se encontrando.

A partir desse momento, a gente começou a se reunir. Eu comecei a ser perseguido na farmácia. O meu amigo João que aqui está, num belo dia, peguei uma bicicleta emprestada que, inclusive, era dele, cheguei na casa dele de manhã e falei: “eu quero que você faça uma petição direcionada para o Congresso Nacional para acabar com a escala 6x1. Eu quero alterar a CLT e a Constituição”. Ele falou: “nossa, você quer só isso?” “É, eu quero”, desorientado.

Rapidamente, fizemos essa petição, soltamos na internet com uma assinatura só, que era a minha. Em poucas horas, tinha 50 mil assinaturas. E todo esse relato que eu estou trazendo, que aí eu não vou contar tudo, porque se não vou pegar muito tempo, e você vai me sinalizando, por favor, me dá mais uns 5 minutinhos que eu finalizo.

Trago esse resumo todo, porque foi a partir disso que a gente começou a intensificar a luta do VAT nas ruas. A gente formou o grupo em todos os estados da Federação. A gente começou a panfletar em cada mercado, em cada farmácia, em cada *call center*. Vim para São Paulo. O meu primeiro ato nas ruas de panfletagem nas ruas não foi no Rio de Janeiro, foi em São Paulo, com a Priscila que está presente. Ela sabe disso. Começamos panfletar no metrô, nas ruas.

Então, não teve a intenção de ser Vereador, porque eu não sabia nem como que começava a ser um Vereador. Eu queria mobilizar as pessoas. A partir disso, nesse meio tempo, recebi o apoio do mandato da nossa Deputada Presidenta diva Erika Hilton (Palmas).

Ela disse: “a gente demorou a apoiar”, mas eu entendo, imaginem a demanda dessa mulher, mas a gente ficou lá, e eu nas *lives* dizendo: “já estou falando com a Erika Hilton”. Mentira, aguardando uma resposta. Até a gente começar a se falar.

A gente começou essa luta lá no Congresso Nacional, nas ruas. Obviamente, gente, só a luta institucional não resolve. A PEC da Bandidagem, da blindagem, deixou claro que não dá para fazer as coisas só lá na institucionalidade, precisa ir às ruas.

Estou contando toda essa luta toda, todo esse enredo que veio de grupo de WhatsApp, que veio de comunidade, que veio com Erika Hilton, que veio comigo, que veio com a classe trabalhadora, porque a principal protagonista dessa luta é a classe trabalhadora, porque se eu estivesse gritando sozinho, e ninguém me ouvindo, nada teria acontecido, só aconteceu porque a classe trabalhadora chegou junto. (Palmas)

Só aconteceu porque a geração Z, que não aceita ser explorada, que é tida como a geração de preguiçosos, não é a geração que não aceita patrão, explorador, é a geração que coloca o dedo na cara. É a geração que não aceita esse modelo de trabalho, que é um modelo escravocrata, que é a continuidade da escravidão. Eu tenho que falar isso porque é. Essa gentinha burguesa dizendo até os dias de hoje “a gente vai continuar explorando. A gente vai continuar escravizando”. Sônia Maria está aí.

A partir de toda essa organização, todo o enredo por trás, eu contei isso porque olha

só onde chegamos, olha só a proporção que estamos, olha só onde a luta que foi organizada por nós, por cada um de vocês, chegou, nós estamos longe. Embora eu entenda que quem está na escala 6x1 está ansioso para acabar logo, porque eu vivi 12 anos na escala 6x1 e sei como é angustiante, porque a escala 6x1 me tirou a principal coisa que um ser humano pode ter, que é o pertencimento, que é a humanidade, eu me sentia não pertencente ao mundo, eu me sentia não pertencente à vida. Eu não tinha vida além do trabalho. Eu não consegui ter uma formação. Agora que eu estou conseguindo estudar novamente, mas eu não consegui. Eu tranquei três faculdades devido a essa escala desumana, então, eu já me sinto vingado.

Estou vingando esse sistema de moer gente, esse sistema que me tirou o direito ao estudo, ao lazer, que me tirou o direito à família, porque a classe política desse país diz que a gente defende a família, a extrema-direita e a direita, a burguesia, não defendem a família, não defendem a pátria, não defendem o povo, porque uma pátria que defende o povo, quer o povo saudável, o povo com direito ao estudo, quer o povo com direito à família, quer o povo com direito à vida. A gente está falando de vida.

A 6x1 tem que acabar. Com o Rick estou na rua para lutar. A 6x1 tem que acabar, com vocês, estou na rua para lutar. (Palmas)

Prometo que estou finalizando, eu juro, porque é que eu contei tudo isso. Como a Erika, eu vou finalizar. Gente, chegamos muito longe. A gente está com um cenário muito propício para a classe trabalhadora. Enterramos a PEC da Bandidagem. O Congresso está acuado. A extrema-direita está acuada. Eles não têm como falar para suas bases que eles são contra a vida além do trabalho. A vida para ir à igreja. A vida para ter as suas religiosidades preservadas. Eles estão acuados.

Então, esse é o momento propício. Se eu pudesse pedir uma coisa para vocês nessa noite, não desistam dessa luta. Não desistam de ter uma vida além do trabalho. Não desista da classe trabalhadora. Porque o capital e o lucro não podem estar acima da vida das pessoas.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – A 6x1 tem que acabar. A 6x1 vai acabar. E

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 33

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 29 DE 37

nós seguiremos. A 6x1 vai acabar. Vai acabar. Nós vamos lutar. Nós vamos colocar as pessoas nas ruas. Nós vamos nos mobilizar nos grupos de WhatsApp. Nós vamos conscientizar, inclusive, aqueles trabalhadores que ainda não se deram conta da importância do debate. E trazer para essa discussão também as pessoas que não estão na escala 6x1.

Porque lutar contra a escala 6x1 não é só um dever de quem está na escala 6x1. É um dever de quem tem empatia, de quem tem amor ao próximo, de quem acha que os patrões não podem estar acima da dignidade, da vida, da família, do descanso da classe trabalhadora.

Então, quanto mais pessoas estiverem engajadas e organizadas conosco nessa luta mais fortalecida, essa agenda vai estar. E nós seguiremos ao seu lado, Rick, lutando com o movimento VAT, fazendo as lutas que são importantes, acompanhando as suas redes para que você possa explicar, colocar às limpas o que aconteceu aqui, que tomou a todos nós de surpresa. Mas nós acreditamos na sua honestidade, na sua índole, no seu caráter. E temos certeza de que isso não passou de um mal-entendido ou de uma má intenção. E aí nós teremos tempo para apurar isso com qualidade.

Dando continuidade, e eu preciso avisar que o nosso relógio não para de rodar, e essa comissão tem que ser entregue. A nossa Vereadora foi ao banheiro. Eu vou passar para a nossa companheira também, lá da Base, esse trabalho incrível, que volto a repetir e inclusive dizer que estão recebendo doações.

Estive lá, fiz um vídeo, tenho um *QR Code*. Depois eles vão publicar nas redes dele os vídeos falando. E as pessoas podem doar qualquer valor, qualquer ajuda é muito bem-vinda para continuar mantendo esse espaço de pé.

Então, Gilvânia, querida, obrigada pelo seu trabalho, obrigada pela sua presença. A palavra é sua.

A SRA. GILVÂNIA GONÇALVES – Boa noite, povo de luta! Eu sou a Gilvânia Gonçalves, como bem disse a Erika, coordenadora nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos e cofundadora. Eu vou falar um pouco aqui do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos, porque muita gente não o conhece.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos, ele foi fundado recentemente, tem três anos e cinco meses. Mas nós nascemos da precarização do trabalho e das injustiças sociais, da desigualdade social, do aumento da precarização do trabalho, pós-reforma trabalhista e pós-pandemia também, que aumentou muito mais a informalidade.

Nós estamos em mais de quase 40 milhões de trabalhadores na informalidade. É um grande número de trabalhadores informais. Mas eu, antes disso, eu era uma trabalhadora 6x1. Trabalhei 22 anos da minha vida na escala 6x1 e nem vi meus filhos crescerem.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos está organizado em nove estados do Brasil. E aqui em São Paulo, como bem trouxe o JR e a Erika, nós fundamos uma Base, um centro de apoio ao trabalhador ambulante. Nós estamos também apoiando a luta do VAT. Construímos o Primeiro de Maio com o VAT aqui em São Paulo, porque a nossa luta é conjunta, temos empatia pelo outro trabalhador e a gente vive numa escala escravocrata.

Seis por um é muito pior, porque a gente não tem como buscar recurso, como buscar seguridade social, a não ser a partir das nossas lutas, das nossas indignações. Assim como nasceu o VAT, a partir da indignação do Rick, e hoje é um grande movimento nacional, nasceu também o Sem Direitos, lá em 2022, em 4 de maio de 2022.

No nosso movimento há várias categorias. Tem movimento ambulante, eu fui empurrada para informalidade em 2019, me tornei ambulante, vendedora de tapioca, e o Nando passava lá e comia tapioca no metro Carrão. Tornei-me ambulante, mas também nós temos costureiras, babás, entregadores, as meninas da beleza, quem trabalha com beleza, manicure, cabeleireira, nós temos uma grande massa de trabalhadores que estão na informalidade, lutando para que a economia popular, esse terceiro setor da economia, que é a economia popular, que esses trabalhadores se mobilizem, trabalhadores que movem a economia, que sejam reconhecidos um dia pelo Governo Federal, pelas instâncias governamentais.

Mas, eu vou falar um pouco, Erika, de quando eu trabalhava na escala 6x1, eu trabalhava das duas às dez da noite. Eu saía de casa todos os dias, meio-dia e chegava meia-noite. Mas antes disso, eu preparava o almoço dos meus filhos, levava meus filhos na escola

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 31 DE 37

para depois ir trabalhar e chegava meia-noite. E só tinha uma folga na semana, as terças-feiras. E uma vez por mês, um domingo.

Eu tive cinco filhos e eu não vi os meus filhos crescerem. Nessa escala escravocrata, nessa escala 6x1. E hoje, estou aqui com os meus companheiros do Movimento dos Trabalhadores sem Direitos para dizer que nós vamos abolir a escala 6x1. Estamos juntos nessa luta, porque a luta é de todos nós. É nós por nós.

– Assume a presidência a Sra. Amanda Paschoal.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Gilvânia, muito obrigada pela sua contribuição potente. A Organização dos Trabalhadores Precarizados é o núcleo que movimenta essa luta que é tão fundamental. Temos muitos trabalhadores ambulantes que são perseguidos pelo Poder Público. Nós vemos isso muito escancarado aqui na cidade de São Paulo, mas também em todo o nosso país. E nós vimos os ataques que tiveram os direitos dos trabalhadores, tanto na gestão do Michel Temer quanto na gestão de Bolsonaro. E isso se reflete nas terceirizações.

E eu queria pedir aqui, mais uma vez, na outra audiência eu fiz a mesma coisa, uma salva de palmas para as terceirizadas, inclusive que fazem a limpeza deste prédio e de todo o nosso país. A classe trabalhadora segura o nosso país nas costas. E nós iremos juntos construir essa grande virada por direitos e por garantias para que nós possamos transformar a realidade e para que mais nenhuma mãe não possa ver os seus filhos crescerem.

Agora eu vou passar a fala para o Igor Felipe, do Plebiscito Popular.

O SR. IGOR FELIPE – Boa noite, companheiros e companheiras. Todo mundo animado ainda? Quase dez da noite, mas estamos aqui ainda. Em primeiro lugar, parablenizo a Vereadora Amanda Paschoal pela iniciativa de fazer essa audiência pública. Saúdo a nossa Deputada Federal, Erika Hilton, que tem travado a luta no Congresso Nacional. E uma saudação especial ao nosso companheiro, Rick Azevedo, que teve a sagacidade de colocar na agenda do dia a luta pelo fim da escala 6x1, recolocando a questão histórica da classe trabalhadora: que é a redução da jornada de trabalho sem redução salarial.

Eu vou tentar ser muito breve, pois eu sei que o tempo é curto, que a gente já está aqui há bastante tempo. Acho que, em primeiro lugar, nós queremos acabar com a escala 6x1 porque nós queremos que os trabalhadores tenham mais tempo para viver, para ficar com a família, com os filhos, em casa, para descansar, estudar, para ir à igreja, para ter momentos de lazer. Mas nós queremos mais do que isso. Nós queremos acabar com o nível de exploração que a classe dominante brasileira impõe a toda classe trabalhadora.

A classe dominante brasileira é antidemocrática, antipopular e antinacional. E ela impõe um dos maiores níveis de exploração para a classe trabalhadora. Nós queremos acabar com isso, porque é a classe trabalhadora que produz as roupas, os tênis, os prédios, os carros, a classe trabalhadora tudo produz e à classe trabalhadora tudo pertence.

E nós também queremos acabar com a escala 6x1, porque esse nível de exploração que a classe trabalhadora brasileira é submetida é porque o Brasil é um país subordinado ao imperialismo dos Estados Unidos. Lutar pelo fim da escala 6x1 é lutar pela soberania do nosso povo, para que as riquezas do nosso país fiquem aqui dentro e sob controle da classe trabalhadora.

E nós, Rick, você bem pontuou que a luta pela escala 6x1 surgiu do seu pronunciamento na *internet* e de todas as articulações que você produziu, mas hoje nós temos, nesse Plebiscito Popular por um Brasil mais justo, a unidade do conjunto das organizações da classe trabalhadora em defesa do fim da escala 6x1, dos partidos progressistas, dos movimentos populares, das centrais sindicais, das entidades de fé, das entidades da sociedade civil, ou seja, todos esses setores que nós reunimos no nosso Plebiscito Popular, que trabalham com duas perguntas.

Uma pergunta é sobre a taxação dos super ricos para garantir a isenção do Imposto de Renda, que nós conseguimos aprovar nessa quarta-feira na Câmara dos Deputados por conta da nossa pressão popular.

E a segunda pergunta é sobre o fim da escala 6x1 e a redução da jornada de trabalho sem redução salarial. Nós fizemos o trabalho em urnas em todo o país, conversando com a

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls 37

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 33 DE 37

classe trabalhadora, se ela é favorável que os trabalhadores possam trabalhar menos para ficar mais tempo com a família e ter melhores condições de vida.

Conversando com a classe trabalhadora se ela achava que quem ganhava mais tinha que pagar mais imposto para que os trabalhadores dos setores médios pudessem pagar menos ou pudessem ficar isentos.

Companheiros e companheiras, nós tivemos uma semana muito importante que demonstra que a conjuntura está mudando. Tivemos essa semana a reunião com o Presidente Lula, no qual entregamos os resultados parciais do plebiscito e defendemos que o Governo, Erika, encerrando o tema da tributação, assuma como sua pauta central o fim da escala 6x1 e a redução da jornada de trabalho sem redução salarial.

E o Presidente Lula sinalizou positivamente em relação ao Governo assumir para esse ano essa bandeira. Tivemos reunião também com o Presidente da Câmara, Hugo Motta, colocando que ele precisa botar o texto para votar na CCJ, criar comissão especial e eu quero ver quem vai ser o Deputado que vai ter coragem de votar contra um projeto que enfrenta a herança da escravidão.

E eu queria, para terminar, pedir para todos vocês que votem no nosso Plebiscito Popular. Peguem aí o celular: plebiscitopopular.org.br, votem, façam parte dessa construção, fortaleçam essa luta. Seria muito importante, Erika, se você pudesse, nas suas redes, divulgar o *link*, nós vamos encerrar o plebiscito agora, no dia 12 e queremos, Rick, fazer logo em seguida um ato de encerramento do plebiscito com o VAT, entregando todas as assinaturas lá na Câmara dos Deputados para o Presidente Hugo Motta, exigindo que se coloque para votar imediatamente a PEC do fim da escala 6x1.

Vamos à luta, companheiros e companheiras! Estamos juntos.

– Assume a presidência a Sra. Erika Hilton.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada. Quando encerra? Dia 12 de outubro, Dia das Crianças, né? Nós teremos o encerramento no Dia das Crianças, em que muitas mães, inclusive pais, não poderão celebrar com os seus filhos, porque trabalharão na escala 6x1.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 34 DE 37

fls 38

Vamos fazer a divulgação nas minhas redes e as pessoas que ainda não tiverem votado, votem. Tinha uma urna aqui, a urna ainda está aqui? A urna ainda está aqui, então as pessoas... Onde a urna está? A urna está lá atrás, então quem ainda não votou... Eu quero ir votar na urna para ter voto simbólico, porque eu acredito nas urnas, porque eu acredito no voto pelas urnas. Então vou lá, vou votar na urna.

Quero agradecer à Mesa. Muito obrigada pela participação. Obrigada por contribuírem. Nós vamos agora para as nossas contribuições finais. A Vereadora acabou de me informar que foi avisada pela secretaria da comissão que por conta do adiantado da hora, pela outra agenda que haverá na comissão, já convocada pela Presidente da comissão, nós não poderemos abrir as inscrições para que as pessoas possam falar, porque nós precisamos fazer o encerramento.

Eu quero cumprimentar e registrar a presença da minha amiga, irmã, companheira de luta, aguerrida e potente Deputada Federal, Luciene Cavalcante, que está aqui com a gente. Uma lutadora da educação ao lado dos servidores e uma companheira muito importante para que eu possa suportar o que é aqueles horrores de Brasília.

Antes da minha fala, vou passar para as considerações finais do nosso Vereador, Rick Azevedo. Faço a minha fala e a nossa Vereadora faz o encerramento oficial dos trabalhos.

O SR. RICK AZEVEDO – São Paulo, pela noite de hoje, muito obrigado pela força, pelo carinho, pela luta. Sobre o acontecimento chato, é isso, eu vim da lama, eu vim do chão, eu nunca tive o direito de me explicar, eu sempre tive que provar, eu sempre tive que ser e jamais demitiria uma pessoa do meu gabinete por ser transfóbica. Jamais! Estou de consciência tranquila.

Um abraço, um beijo e nos vemos na luta.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Hilton) – Obrigada, Rick. Vou até levantar, eu fiz a minha fala sentada, mas a minha fala de encerramento. Obrigada. Esse tem sido o maior pânico dos canalhas que trabalham comigo. Esse tem sido o maior desespero daquela gente horrorosa que olha para este corpo e começa a ver.

Em todos os lugares aonde eu vou, há bastante tempo já, eu tenho recebido com muito amor e carinho e respeito, esse coro de Presidenta. E não porque eu almejo ser Presidente, ou porque eu estou trabalhando para que isso aconteça, mas é porque num país que matam pessoas como eu aos 30 anos de idade, num país onde este corpo não serve nem mesmo para a escala 6x1, e é isso que eu quero dizer. Eu tenho uma relação muito pequena com a escala 6x1, porque o meu corpo, preto, travesti, não é um corpo que é pensado sequer para trabalhar no *telemarketing*, no McDonald's, nos trabalhos mais precarizados.

Nós somos empurradas em massa para a prostituição compulsória, e essa é a minha história, essa é a minha realidade. Eu trabalhei também numa empresa que tinha escala 6x1, numa janela pequena de muito tempo, mas eu sei exatamente o que é escala 6x1, por ter experimentado num curto período de tempo, mas por ter visto a minha mãe, que está aqui hoje, que trabalhou durante muitos anos em lojas no centro de São Paulo, com as minhas irmãs pequenas, e no final de ano, quando se trabalha em loja, a pessoa tem que ficar até uma, duas da manhã, às vezes sem ter como voltar para casa, o trem fecha, a condução acaba.

A nossa luta não é necessariamente por aquilo que a gente vive, mas é por aquilo que a gente acredita, que a gente defende, que a gente sabe que é justo, honesto, bom, necessário para dar dignidade ao povo, e o povo é quem sustenta esse país.

Nós não precisamos experimentar a escala 6x1 na pele, nós não precisamos experimentar o racismo na pele, a transfobia, a misoginia, o ódio, o preconceito, de nenhuma maneira. Quando nós temos consciência de classe, de raça, ou qualquer que seja, nós nos comprometemos ao lado daqueles e daquelas que lutam por justiça, por dignidade, por cidadania, por vida, porque hoje o que nós temos no Brasil não é a maior parte da população vivendo; mas apenas sobrevivendo para que uma pequena casta possa viver em abundância. Precisamos nos mobilizar, nos organizar e ir para cima.

Quero agradecer a cada pessoa aqui que, em uma noite de sexta-feira, saiu da sua casa, lotou esse auditório e colocou-se ao nosso lado para dizer que a luta dos trabalhadores e das trabalhadoras tem um destino, tem um rumo, está crescendo, está avançando.

Somos o terror daqueles que odeiam a arte, o *funk*, a cultura, a dança, a classe trabalhadora, as mulheres, a comunidade LGBT, a favela, a periferia. Querem-nos mortas, caladas, aprisionadas; mas estamos aqui, de cabeça erguida, lutando e defendendo aquilo em que acreditamos, batalhando por um modelo de país e de sociedade que seja cada vez menos desigual e que dê oportunidades para todo mundo. Todo mundo tem o direito de viver com plenitude de direito. As pessoas não podem mais continuar jogadas, enclausuradas, em condições tão desumanas.

A nossa luta é por esperança, por dignidade, por justiça, por emancipação da classe trabalhadora, por emancipação da nossa gente. E é tudo isso que eles mais odeiam, porque colocaram um alvo no nosso peito, marcaram-nos para a morte. E sabe o que fizemos da dor? Fizemos arma de luta, de revolução, de transformação, de garra, de coragem. Ninguém pode deter ou parar um povo organizado, sedento de reparação histórica, sedento de justiça e sedento de direito.

Nossos direitos são inegociáveis. Não entregaremos a nossa dignidade e lutaremos até o fim por aquilo que acreditamos. Viva a luta! Viva a classe trabalhadora! Viva o movimento organizado! Abaixo a 6x1! Viva o povo brasileiro e a nossa soberania!

Obrigada por acreditarem no nosso trabalho, obrigada por lutarem ao nosso lado, obrigada por não desistirem. Para concluir, quero dizer que, por mais que, muitas vezes, pareça cansativo – sei que cansa porque me sinto muito cansada – a única coisa que nos trouxe aqui foi a certeza de que era lutando que podíamos transpor as realidades.

Ainda que, em 2025, estejamos obrigados a repetir coisas óbvias, como dignidade do trabalhador, direito à vida, combate ao racismo, à transfobia, à *LGBTfobia* e ao genocídio que é praticado nas favelas e periferia dos nossos países cotidianamente, somente gritando e erguendo a nossa voz foi que abrimos caminho para que eu fosse Deputada; o Rick, Vereador; a Amanda, Vereadora; e cada um de vocês atuando em sua área.

Então, por mais difícil e cansativo que pareça, não desistam, não entreguem os pontos, organizem-se nas ruas, nas bases e vamos para cima *panicar* o sistema.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21396 DATA: 03/10/2025 FL: 37 DE 37

fls 41

Muito obrigada. Uma boa noite a todos, um ótimo final de semana. Cuidem-se. Axé, axé e axé. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Amanda Paschoal) – Pessoal, queria apenas reforçar também os agradecimentos a cada um e cada uma que esteve presente nessa noite tão potente, que constrói os movimentos, que constrói a luta, seja no micro ou no macronúcleo.

Queria agradecer a todos que compuseram a Mesa e a todos que constroem essa luta nas bases e nos Parlamentos. Queria agradecer ao Rick pela movimentação brilhante que fez no Rio de Janeiro quando começou com esse movimento e à Erika Hilton por levar essa luta à Brasília.

Gostaria de dizer para vocês que seguiremos com essa luta de transformação, em conjunto, na Câmara Municipal de São Paulo e demais Câmaras Municipais e nas Assembleias Legislativas.

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer a toda a equipe da *House of Hilton*, que construiu essa audiência; e à Tiana, maravilhosa, nossa Mestre de Cerimônias, que veio abrir os trabalhos com bastante brilho.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrados os nossos trabalhos. Muito obrigada.
Boa noite. Sigamos juntos.